CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2168.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

O AMOR INCONDICIONAL E A LIBERDADE COMO SEU ALIMENTO

UNCONDITIONAL LOVE AND FREEDOM AS ITS NOURISHMENT

Maria Liliane Silva de Oliveira[1]

[1]Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Graduada em Teologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Pós-graduada em Sagrada Escritura pelo Centro Universitário Claretiano, São Paulo, Polo Fortaleza; Pós-graduada em Teologia Sistêmático - Pastoral da Família pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Bolsista Capes. E-mail: mlilianedeoliveira@gmail.com.

Recebido: 27/04/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: O texto apresenta um relato acerca da experiência do amor incondicional no âmbito familiar e suas repercussões na construção da vocação religiosa. Tal experiência evidencia que o amor autêntico se expressa na liberdade e no respeito às escolhas individuais. Fundamentada na compreensão de que o amor se constitui como prática, a autora reconhece essa vivência como base de sua missão de amar e servir ao próximo. Desse modo, compreende que a liberdade configura condição essencial para a autenticidade do amor, orientando decisões, consolidando sua identidade e sustentando seu compromisso com o cuidado, a escuta sensível e a dedicação às pessoas ao longo de sua trajetória de vida.

Palavras-chave: Vida familiar. Escolhas individuais. Trajetória de vida.

ABSTRACT: The text presents an account of the experience of unconditional love within the family and its repercussions on the development of a religious vocation. This experience demonstrates that authentic love is expressed in freedom and respect for individual choices. Based on the understanding that love is constituted as a practice, the author recognizes this experience as the foundation of her mission to love and serve others. Thus, she understands that freedom is an essential condition for the authenticity of love, guiding decisions, consolidating her identity, and sustaining her commitment to care, sensitive listening, and dedication to people throughout her life's journey.

Keywords: Family life. Individual choices. Life trajectory.

INTRODUÇÃO

Esse texto se constitui como um relato autoetnográfico (Rabinovich; Silva, 2025) acerca da experiência do amor incondicional no âmbito familiar, enfocando as suas repercussões na construção da vocação religiosa. Tal experiência evidenciou que o amor autêntico se expressa na liberdade e no respeito às escolhas individuais. Fundamentada na compreensão de que o amor se constitui como prática, a autora reconhece essa vivência como base de sua missão de amar e servir ao próximo.

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

O RELATO

Carrego em mim as marcas do amor incondicional que recebi dos meus pais e tive a liberdade de amar também ao escolher minha vocação. Meus pais me geraram com amor e não se importaram se era menino ou menina; para eles, o importante é que era uma vida e que era um fruto de seu grande amor, isso para eles era suficiente. Os planos dos meus pais para comigo eram apenas me ver bem. Me amaram incondicionalmente, o que logo ficará claro. Não projetaram sobre mim seus sonhos: se eu seria agricultora, professora, etc., mas sua preocupação é que eu andasse no caminho do bem, tivesse a dignidade que todos merecem... Quero aqui fazer um recorte dessa trajetória do amor incondicional dos meus pais que está muito presente em minha história de vida na opção que fiz.

Dia 07 de janeiro de 1984, o amor dos meus pais me acolheu em suas vidas com muito carinho, alegria, cuidado, amor gratuito. E no dia 07 de janeiro de 2001, este amor me permitiu com suas bênçãos que eu seguisse meus anseios, minha vocação. Era uma tarde, 15h15min, quando eu nasci. Era também uma tarde, às 15h naquele dia em que me preparava para partir, ir embora (mas não foi proposital este horário)! Nesse dia, obviamente, era meu aniversário, 17 anos e, naquela tarde, os meus pais nos reuniu, eu e meus amados irmãos com quem aprendemos nos amar fraternalmente, e reuniu os parentes mais próximos, entre eles meus estimados avós de quem carrego nas minhas lembranças muitas histórias, presença de amor em minha vida e caridade ao próximo.

Então, fizeram um momento de oração naquela sala para celebrar minha vida e que tivesse bom êxito a minha viagem. Depois tiveram os comes e bebes. Todos estavam ali, umas tias choravam, minha mãe tentava ser forte e muitos ainda sem acreditar e, como diziam eles: “que eu ia virar freira”! Eu gostava muito de forró e ainda gosto, rsrsr, então, muitos não conseguiam entender minha decisão analisando o meu jeito de ser: sempre simpática, divertida... pensava de forma negativa a Vida Religiosa, e não acreditavam como eu viveria de forma diferente. Eu entendi a reação dessas pessoas que, quando a gente olha muito para o material, não se vê a beleza do que é essencial para a vida. E hoje eu não perdi essas qualidades (rsrsr). Naquele momento, só me restava paciência,

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522168, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2168 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

cada um pode achar o que quer, mas nada, nem ninguém me impediria de partir, e aqueles que, para mim, eram os que eu deveria mais considerar, que me geraram e me criaram, me deram essa liberdade de decidir e me estavam deixando partir. Perdi até uma grande amiga, achava eu, mais enfim, aquela minha decisão me fez ver que ali não existia amizade verdadeira. As nossas decisões são, muitas vezes, reveladoras!

Lembro que, depois daquele momento festivo, foi a hora de pedir a bênção para partir. Comecei pelos tios, depois os avós e, por fim, minha mãe, é claro que ela seria a última, seria a primeira despedida, a mais longa daquele dia e que, pela primeira vez, eu iria para tão longe e por tantos anos sem vê-los, tinha que ser no final mesmo aquela bênção e aquele abraço caloroso. E meu pai, me levou até a casa das irmãs e foi lá que me abençoou. O que tem de amor incondicional nessa história? Eles nunca me cobraram nada pelos dias de sono perdidos, por ter percorrido muitas estradas para me levar em consultas, por ter trabalhado muito duro para o sustento e uma vida digna. Por tudo isso eles apenas disseram: “Nós te apoiamos filha, se for para ser feliz, seremos também. Saiba que esta casa está sempre de portas abertas para te acolher, caso não dê certo”. O amor sempre está apto para acolher, para continuar amando.

Eu sinto isso em cada reencontro e despedida dos meus pais e meus irmãos (o meu irmão não consegue até hoje se despedir de mim, e vejo nisso uma forma de amar), eu também prático esse amor ao acolher, buscar compreender cada pessoa que integra minha história de vida. Como diz Erich Fromm (2015), o amor é uma arte, se aprende praticando. Quantas vezes vi meus pais praticarem o amor naquele lar e ainda vejo quando estou por lá e quando senti esse amor quando me deixaram partir e construir minha história. Foi com este amor incondicional que é o meu grande exemplo de vida, minha grande escola de virtude que eu escolhi, aprendi e aprendo cada dia a amar também incondicionalmente as pessoas.

Eu queria ser enfermeira, depois professora, mas quando conheci as irmãs e sua missão, eu desisti deste sonho, abandonei essa paixão e escolhi um grande amor: O Reino de Deus. Aos 13 anos, meu coração ardia de desejo pela dedicação aos trabalhos pastorais, e depois só aumentava. Sempre admirei, e ainda admiro, a vida matrimonial; afinal estava situada nela, fui acolhida por ela, mas não me via nela, me via na Igreja, pelo meio do mundo, como diz o ditado

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522168, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2168 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

popular. Me via e me sentia feliz com a multidão. Sabia que se cassasse, ao ter uma família, em determinados momentos, por exemplo: um filho ficar doente, a opção era cuidar do filho e eu só pensava que queria me dedicar só à Igreja. Não sabia ainda como seria o processo, mas depois tive a oportunidade de ir conhecendo o caminho que me realizaria como pessoa. E é aqui que está o que aprendi na escola da vivência do amor dos pais: me doar ao Reino de Deus, amando todas as pessoas que tenho a oportunidade de conhecer de forma incondicional, com amor de Deus. Com 21 anos de Vida Consagrada, olho para a linha do tempo da minha vida e percebo que construí muitos amores aonde já morei, em pastorais que assumi e, atualmente, este amor está ligado ao serviço ao Reino de Deus, e todos estes amores, eles exigem de mim muita arte de amar, e aqui recordo o que nos diz, Erich Fromm (2015) sobre A arte de amar na trajetória da nossa vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na arte de amar, uma das lições que a gente aprende é que o amor precisa de um alimento para ser amor. Assim término com um pensamento que vem dar sentido minha história. “Mais fundamental que o amor é a liberdade! A liberdade é o alimento do amor! Aprendi nessas experiências que: “O amor é pássaro que não vive em gaiola! Basta engaiolá-lo para que ele morra! Ter ciúme é reconhecer a liberdade do amor! O desejo de liberdade é mais forte que a paixão! Pássaro, eu não amaria quem me cortasse as asas! Barco, eu não amaria quem me amarrasse no cais![1]”.

REFERÊNCIAS

FROMM, Erich. **A arte de amar.** Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar (orgs.). **Teoria e prática da autoetnografia à deriva**. Curitiba: CRV, 2025. DOI: https://doi.org/10.24824/978652518105.9.

[1] Esta afirmação, atribuída a Rubem Alves, é frequentemente citada e compartilhada em blogs, redes sociais e plataformas que compilam citações famosas, como o Pensador.